

A EDUCAÇÃO ESPECIAL NO ESPAÇO ACADÊMICO: UMA REFLEXÃO SOBRE AS DIFICULDADES ENCONTRADAS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS NO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA NO CAMPUS I DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

SALES, C. R.¹
SILVINO, M.²
SOUZA, N. R. L.³
SOUZA, N. R. L.⁴

Universidade Estadual da Paraíba
carlinhaa.r@hotmail.com

Resumo

Vive-se em um século marcado pela revolução do meio técnico científico, onde há um crescimento significativo no número de alunos que ingressam no ensino superior e, com isso, tornam-se frequentes as reformas e construções de novas universidades para atender à gama de novatos no ambiente acadêmico, onde 10% destas vagas são destinadas a pessoas com necessidades especiais, portanto, é importante atentar para a infraestrutura destas universidades para receber estes alunos. Não é suficiente apenas lançar pessoas com necessidades especiais nas academias, é preciso observar se a instituição e os docentes estão preparados para tornar a educação de fato inclusiva, onde estes alunos tenham acesso ao ensino de qualidade em um ambiente propício. Para tal, faz-se necessária uma análise acerca da estrutura das universidades tanto para as aulas ministradas em sala de aula quanto nas in loco, chamadas aulas de campo, visto que estes alunos precisam estar inseridos em todas as atividades que os demais alunos participam. Infelizmente, nota-se que por ausência desses mecanismos os alunos sentem-se excluídos, somando-se ao constante preconceito. A partir daí surge a necessidade de reflexão sobre até que ponto se observa a educação inclusiva no espaço acadêmico. As políticas e o sistema de informações e orientações de qualquer caráter não são suficientes para a mudança de algumas atitudes dos discentes frente às minorias especiais. Nesta perspectiva, este trabalho busca analisar, a partir da vivência de uma tutoria, o acompanhamento de um aluno com necessidades especiais no curso de Licenciatura em Geografia do Campus I da Universidade Estadual da Paraíba, onde observa-se dificuldades vivenciadas por ele em experiências no contexto universitário. Nesse artigo, tem-se como objetivo a análise da exclusão de alunos especiais no ensino superior e a infraestrutura não inclusiva de alguns espaços da central de aulas do campus I da UEPB, que desfavorecem especialmente os cadeirantes. A metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa se deu primeiramente através de um levantamento bibliográfico, utilizando autores que tratam sobre a educação inclusiva, bem como entrevistas e observações, através do método de análise qualitativa.

Palavras-chave: Espaço acadêmico; Alunos especiais; Educação inclusiva.

1 Introdução

A humanidade passa por um desenvolvimento técnico científico, onde é notável o crescimento das universidades e das políticas de acessibilidade, fazendo com que a construção das mesmas seja voltada para suprir as necessidades sociais, uma que, com o processo de industrialização, novas funções são criadas, buscando e valorizando profissionais que possuam

¹Carla Ramona Vieira Sales. Graduanda em Licenciatura em Geografia pela UEPB, Campina Grande/PB.

²Marluce Silvino. Mestre em Geografia e Docente no curso de Licenciatura em Geografia da UEPB, Campina Grande/PB, Brasil. (Orientadora).

³Nádja Risocely Leite de Souza. Graduanda em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP), Patos/PB, Brasil.

⁴Nádson Ricardo Leite de Souza. Graduando em Licenciatura em Geografia pela UEPB, Campina Grande/PB, Brasil.

formação acadêmica, fazendo com que o número de pessoas que desejam cursar o ensino superior seja cada vez mais crescente.

Com o aumento da massa do público especial buscando ingressar no ensino superior, novos “campus” e novas universidades surgem e investem em prédios construídos para oferecer o devido suporte aos novos discentes. Segundo o Ministério da Educação (MEC), toda universidade pública deve oferecer no mínimo 10% das vagas em cursos para pessoas com algum tipo de necessidade especial para estar apta ao funcionamento, como estratégia de incentivo à inclusão, mas não é suficiente inserir este público nas estatísticas sem que haja suporte e estruturas físicas adequadas que favoreçam sua permanência e conseqüente sucesso na vida acadêmica.

Faz-se necessário analisar todas as condições, inclusive as físicas, dos diversos espaços acadêmicos e avaliar se estes estão apropriados para acolher a diversidade de estudantes. Tomando-se como exemplo para basear tais argumentações, observou-se o cotidiano e alguns exemplos restritos recorrentes na central de aulas da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, especificamente no curso de Licenciatura em Geografia, pois apesar de se tratar de um prédio projetado e recente, é notável a falta de acessibilidade para cadeirantes, seja nas aulas no próprio prédio ou em aulas de campo, visto que o curso de Licenciatura em Geografia da UEPB oferece disciplinas nas quais as aulas de campo são de caráter obrigatório.

É preciso que se observem as reais dificuldades dessas pessoas para chegar à sala de aula, em espaços como banheiros, bibliotecas, laboratórios de informática, salas de aula dentre outros, se estes espaços estão de fato prontos para que estas pessoas possam utilizá-los. Os professores precisam observar se estes alunos estão acompanhando eficientemente os conteúdos ou se é necessária a utilização de novas metodologias para que estes alunos de fato se integrem e haja uma real inclusão dos mesmos.

É imprescindível que os discentes acolham estes alunos para que os mesmos percebam que são alunos tão capazes quanto os demais, pois na maioria das vezes estas pessoas já sofrem os mais diversos tipos de preconceitos seja na rua, na escola básica e até em suas próprias casas, é indispensável que se sintam acolhidos no ambiente acadêmico e não excluídos em círculos sociais, grupos de trabalhos e trabalhos de campo.

Nesse artigo serão discutidas as primeiras observações da pesquisa na central de aulas da Universidade Estadual da Paraíba, onde é possível perceber as reais dificuldades dos cadeirantes em alguns lugares em que existe pouca ou nenhuma acessibilidade para os mesmos adentrarem alguns espaços, analisando-os a partir das observações de um dos autores, a partir de sua experiência como

¹Carla Ramona Vieira Sales. Graduanda em Licenciatura em Geografia pela UEPB, Campina Grande/PB.

²Marluce Silvino. Mestre em Geografia e Docente no curso de Licenciatura em Geografia da UEPB, Campina Grande/PB, Brasil. (Orientadora).

³Nádja Risocely Leite de Souza. Graduanda em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP), Patos/PB, Brasil.

⁴Nádson Ricardo Leite de Souza. Graduando em Licenciatura em Geografia pela UEPB, Campina Grande/PB, Brasil.

tutora de um aluno com necessidades especiais do curso de licenciatura plena em geografia, e enfatizam-se algumas dificuldades enfrentadas pela tutora, buscando observar a exclusão do mesmo no espaço acadêmico.

O trabalho tem como objetivo analisar a exclusão de alunos com alguma limitação no ensino superior e a infraestrutura de alguns espaços da central de aulas da UEPB que acabam por desfavorecer os cadeirantes. Este trabalho é importante no sentido de fomentar futuras discussões sobre a falta de acessibilidade e a exclusão de alguns alunos no ambiente acadêmico, evidenciando um pouco do preconceito enfrentado por estes futuros professores e os reais impactos de colocar alunos com limitações em prédios universitários com pouca ou nenhuma acessibilidade em alguns espaços.

2 Metodologia

A metodologia deste estudo se deu através de pesquisas bibliográficas e de observações, onde se busca observar os lugares de difícil acesso, onde um cadeirante, por exemplo, só consegue chegar com ajuda de terceiros, como os lavatórios dos banheiros que não têm apoio e diversos outros espaços, depois levou-se um cadeirante aos espaços observados para que se pudesse constatar se ele conseguiria ou não utilizar estes locais sem dificuldade. Após esse momento, buscou-se conversar com estes alunos para entender as reais dificuldades dos mesmos no ambiente acadêmico, mesmo eles sendo acompanhados por tutores. Para que se pudesse constatar se de fato o curso de geografia e, mais especificamente, a central de aulas é um ambiente que propicia a inclusão destes alunos, houve uma conversa com a tutora e o tutorando para saber sobre a questão da acessibilidade em viagens de campo proporcionadas pelo curso de geografia, a fim de entender se estas oferecem um maior apoio a estes alunos, proporcionando a inclusão dos mesmos, ou se acabam promovendo a exclusão destes alunos.

3 Resultados e Discussões

3.1 A Educação Especial no Espaço Acadêmico.

O número de alunos com necessidades especiais nos espaços acadêmicos tem crescido cada vez mais, contudo observa-se que este número ainda precisa aumentar visto que o ambiente

¹Carla Ramona Vieira Sales. Graduanda em Licenciatura em Geografia pela UEPB, Campina Grande/PB.

²Marluce Silvino. Mestre em Geografia e Docente no curso de Licenciatura em Geografia da UEPB, Campina Grande/PB, Brasil. (Orientadora).

³Nádja Risocely Leite de Souza. Graduanda em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP), Patos/PB, Brasil.

⁴Nádson Ricardo Leite de Souza. Graduando em Licenciatura em Geografia pela UEPB, Campina Grande/PB, Brasil.



acadêmico deve ser um espaço de sociabilidade, onde a diversidade é fator principal para a inserção de pessoas de diversas culturas, religiões, etnias, classes sociais. Este espaço precisa favorecer a inclusão de pessoas com necessidades especiais para que estas possam realizar as mais diversas atividades como os demais alunos. Como afirma MAGALHÃES:

O processo de inclusão de pessoas com deficiências no ensino superior apresenta-se atualmente como um dos desafios para professores universitários. Isso ocorre porque a inserção do aluno com deficiência neste nível de ensino está ocorrendo de forma lenta e ainda sem mecanismos que sustentem tanto o acesso, quanto a permanência de tal aluno no contexto das exigências peculiares à educação superior. Podemos afirmar, ainda, que não se trata somente da garantia de vagas, mas da organização, por parte da universidade, de estratégias que colaborem com o sucesso escolar destes alunos. (MAGALHÃES, R de C. B. P, 2013, p. 47).

Com isso, observa-se que a entrada destes alunos deve ser analisada, uma vez que os prédios que irão recebê-los devem atender as suas necessidades. Por isso, torna-se necessário observar os reais impactos da entrada destes alunos com alguma limitação na universidade onde os mesmos precisarão de espaços adaptados as suas necessidades, visto que o espaço acadêmico deve ser um espaço de inclusão. Mas o que se pode observar na central de aulas da UEPB campus I é que alguns espaços ainda precisam passar por adaptações para se tornar propícia a inclusão.

Sabe-se que mesmo diante da luta de algumas pessoas por uma educação superior inclusiva, ainda está longe de se ter um espaço acadêmico que propicie a inclusão de alunos com necessidades especiais, uma vez que se torna necessário a adaptação de alguns espaços como: rampas, salas de aulas e a própria distância dentro da academia, para a acomodação dos mesmos. Estes alunos precisam não apenas de alguns espaços adaptados, mas de diretrizes e recursos que ajudem a garantir a sua permanência nestes espaços.

Na maioria das vezes, é necessário que o professor compreenda estes alunos e tenha sensibilidade para perceber quando estes não estão acompanhando o raciocínio e a consequente compreensão dos conteúdos trabalhados, em algumas ocasiões se faz necessária a mudança de metodologia por parte dos professores para que os alunos possam compreender os conteúdos por igual. Brazorotto e Speri afirmam:

¹Carla Ramona Vieira Sales. Graduanda em Licenciatura em Geografia pela UEPB, Campina Grande/PB.

²Marluce Silvino. Mestre em Geografia e Docente no curso de Licenciatura em Geografia da UEPB, Campina Grande/PB, Brasil. (Orientadora).

³Nádja Risocely Leite de Souza. Graduanda em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP), Patos/PB, Brasil.

⁴Nádson Ricardo Leite de Souza. Graduando em Licenciatura em Geografia pela UEPB, Campina Grande/PB, Brasil.



A sala de aula nem sempre é um ambiente de aprendizagem para todos os alunos. Várias são as condições e as habilidades requeridas para que o processo de ensino-aprendizagem realmente seja eficaz e para que professores e alunos cumpram com sua tarefa diária na busca pelo saber. (...) na maioria das salas de aulas das universidades, os docentes e discentes, geralmente, deparam-se com ambientes nem sempre favoráveis à aprendizagem e que, combinados a outros fatores como as necessidades individuais de aprendizagem de cada aluno, as atitudes de estudantes e de professores no momento da aula, bem como fatores relacionados ao próprio ambiente (iluminação, ruído, distratores, presença ou ausência de equipamentos auxiliares ao acesso à informação e aprendizagem), podem maximizar a aprendizagem ou potencializar problemas nesse processo. (BRAZOROTTO. SPERI, 2013, p. 125).

Pode-se perceber que atualmente ainda há muitas limitações para alunos deficientes dentro das salas de aula, uma vez que alguns ambientes não são propícios o bastante para a aprendizagem. Ainda existe o preconceito por parte de alguns alunos com estas pessoas, na maioria das vezes, por não entender algumas explicações dos professores, não acompanhar as explicações ou apenas por obterem notas baixas.

Estes alunos são excluídos dos grupos da sala de aula e até das rodas de amigos apenas por possuírem limitações físicas, além de serem prejudicados, pois são afastados e às vezes ainda sofrem com as brincadeiras de mau gosto, como relatado no trecho seguir por um aluno do curso de geografia da UEPB entrevistado, o mesmo enfrenta estes obstáculos diariamente para cursar o Ensino Superior.

“Eu me sinto prejudicado porque, na maioria das vezes, quando os professores formam os grupos eu sou excluído pelos meus colegas e o próprio professor tem que me colocar em um grupo mesmo sem que eles queiram e algumas vezes eles ficam rindo quando eu cochilo durante as aulas ou alguma apresentação, o que espero dos colegas é que tenham respeito e que acreditem na minha capacidade, se não eu não estaria na universidade”.

A partir do relato, pode-se perceber o quanto os alunos com necessidades especiais se sentem excluídos ao entrar em uma sala de aula e sentir diariamente o preconceito por parte dos demais alunos, por duvidarem do seu potencial, excluindo-os de grupos de trabalho, pesquisas e seminários. Isto deixa claro o nível do preconceito sofrido por pessoas com necessidades especiais que tentam a todo o momento superar suas dificuldades e mostrar para a sociedade que são pessoas comuns como qualquer outra e são alunos capazes de acompanhar os demais e ir além de onde muitos considerados “normais” já foram.

Em alguns casos, é fundamental a presença de um tutor, para auxiliar estes alunos não só nas aulas, mas para ajudar a inseri-los nos grupos da própria sala de aula, além de ajudá-los a lutar por

¹Carla Ramona Vieira Sales. Graduanda em Licenciatura em Geografia pela UEPB, Campina Grande/PB.

²Marluce Silvino. Mestre em Geografia e Docente no curso de Licenciatura em Geografia da UEPB, Campina Grande/PB, Brasil. (Orientadora).

³Nádja Risocely Leite de Souza. Graduanda em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP), Patos/PB, Brasil.

⁴Nádson Ricardo Leite de Souza. Graduando em Licenciatura em Geografia pela UEPB, Campina Grande/PB, Brasil.



seus direitos e superar algumas dificuldades, como é o caso do aluno entrevistado que, por ter déficit de atenção, necessita de alguém para repassar os conteúdos de maneira mais clara que o professor, e por isso conta com o auxílio de um tutor para orientá-lo nas atividades e aulas de campo. Como relata a tutora:

No início foi bastante complicado, pois tínhamos que tentar metodologias diferentes para que o aluno absorvesse o máximo de informações e aprendesse os conteúdos propostos pelos professores em sala de aula. Trabalhar com pessoas que têm necessidades especiais foi uma experiência única, todos os alunos, antes de serem professores, deviam passar por tamanha experiência de ensinar a pessoas que nem sempre tem a mesma facilidade de aprendizado, e como trabalhar com essas pessoas em sala de aula? Como criar metodologias que todos consigam acompanhar? Com a responsabilidade de tutora inicialmente fiquei com essas dúvidas, mas quando comecei a trabalhar com o aluno, observar onde estavam focadas as suas dúvidas e criar a sensibilidade para acompanhá-lo ficou fácil ajudá-lo cada dia mais, e ao passo que ele conseguia evoluir e acompanhar cada conteúdo fui me apaixonando pelo que estava fazendo e desenvolvendo ainda mais o amor e o carinho pelo que faço, pelo ser docente, pelo ensinar e atualmente amo ainda mais o que faço e a minha futura profissão de professor. (Carla Ramona Tutora de um aluno com necessidades especiais).

Como pode-se observar, a tutoria é um auxílio promovido pela universidade que estimula a inclusão dos alunos com qualquer tipo de necessidades especiais no ambiente acadêmico, uma vez que os tutores procuram formas e metodologias para ajudar o aluno a compreender os conteúdos trabalhados em sala de aula de forma que os mesmos não se sintam prejudicados.

3.2 A estrutura do prédio para receber os cadeirantes

O prédio em questão, chamado de Central de Integração Acadêmica, ou CIAC, como é mais conhecido, foi construído inaugurado há menos de cinco anos, tratando-se, portanto, de uma construção recente e já planejada para oferecer o máximo de acesso e conforto à todas as pessoas, inclusive as com necessidades especiais, contudo há diversos problemas presentes em sua estrutura, especialmente no que diz respeito à acessibilidade.

A edificação possui três andares, onde estão dispostas dezenas de salas de aula, laboratórios, coordenações e secretarias. O hall de entrada, embora esteja no térreo, é um dos primeiros desafios enfrentados por um cadeirante, visto que o terreno onde está construído o prédio não é plano, mas declinado. Há uma escadaria principal, com trinta e dois degraus, e ao lado uma rampa destinada a cadeirantes, mas mesmo o acesso a tal rampa não é tão facilitado, devido ao fato de que o espaço do campus, no geral, não possui acessibilidade adequada.

¹Carla Ramona Vieira Sales. Graduanda em Licenciatura em Geografia pela UEPB, Campina Grande/PB.

²Marluce Silvino. Mestre em Geografia e Docente no curso de Licenciatura em Geografia da UEPB, Campina Grande/PB, Brasil. (Orientadora).

³Nádja Risocely Leite de Souza. Graduanda em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP), Patos/PB, Brasil.

⁴Nádson Ricardo Leite de Souza. Graduando em Licenciatura em Geografia pela UEPB, Campina Grande/PB, Brasil.

A partir do hall de entrada da CIAc, existem para os cadeirantes rampas dispostas de modo a dar acesso a todos os pavimentos do prédio e um elevador com capacidade para 500 kg, mas o mesmo não se encontra em funcionamento, restando apenas as rampas para o acesso.

3.3 A falta de acessibilidade e as aulas de campo

A exclusão de pessoas com necessidades especiais nos moldes acadêmicos não acontece apenas nas salas de aula, pois sabe-se que as aulas de campo são atividades complementares ao currículo do curso de Geografia e todos os alunos tem por obrigação curricular o cumprimento das mesmas.

Porém, o que se observa é que os alunos com limitações físicas são deixados de lado, uma vez que a maioria das aulas de campo ocorre em lugares de difícil acesso, impossibilitando a participação de alunos deficientes nestas atividades, onde os mesmos não conseguem percorrer as longas distâncias que na maioria das vezes são por trilhas e ladeiras. Com isso, estes alunos se sentem ainda mais excluídos e desmotivados, pois as aulas de campo devem ser para todos os alunos, sem exceção.

Alguns alunos têm dificuldade de locomoção, como é o caso do aluno tomado como referência para a realização deste trabalho, que necessita de uma cadeira de rodas motorizada para as aulas de campo, uma vez que, com a cadeira motorizada, o aluno pode ir a alguns espaços de acesso mais dificultado, porém o prédio da CIAc só disponibiliza uma (01) cadeira, sendo assim, o mesmo precisa dividi-la com outros alunos cadeirantes.

3.4 Uma universidade de fato inclusiva

As indagações sobre ambientes de fato inclusivos são complexas. Primeiramente, é necessário refletir sobre algo que corriqueiramente se fala, mas pouco se pensa. O que é a inclusão, de fato? A inclusão não se detém somente às estruturas físicas ou às construções curriculares. Embora pensar o espaço e as estratégias de ensino para que todas as pessoas sejam peças fundamentais para a educação inclusiva, não são as únicas.

Ao tratar do objetivo da educação inclusiva, AINSCOW *apud* VITELLO; MITHAUG (2009, p. 11), fala em “eliminar a exclusão social, que é a consequência de atitudes e respostas à

¹Carla Ramona Vieira Sales. Graduanda em Licenciatura em Geografia pela UEPB, Campina Grande/PB.

²Marluce Silvino. Mestre em Geografia e Docente no curso de Licenciatura em Geografia da UEPB, Campina Grande/PB, Brasil. (Orientadora).

³Nádja Risocely Leite de Souza. Graduanda em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP), Patos/PB, Brasil.

⁴Nádson Ricardo Leite de Souza. Graduando em Licenciatura em Geografia pela UEPB, Campina Grande/PB, Brasil.

diversidade de raça, classe social, etnia, religião, gênero e habilidade”, assegurando a educação como um direito básico e fundamental para a construção de uma sociedade mais justa.

Pensar a universidade de fato inclusiva também deve ser tido como meio para a melhoria da inclusão social, pois é na universidade onde futuros profissionais estão sendo formados, mais especificamente a este trabalho, estão sendo formados professores, que algum dia certamente estará diante de situações em que deverão saber agir em casos de alunos que necessitem de apoio especial que os inclua verdadeiramente, não que os separe ainda mais por suas diferenças.

4 Conclusão

A partir das situações expostas ocorrentes no caso do prédio da Central de Aulas da UEPB que não facilitam o acesso às atividades acadêmicas no Campus I observadas especialmente durante a tutoria da estudante Carla Ramona Vieira Sales e das necessidades fundamentais conhecidas e discutidas por diversos estudiosos, como Brazorotto, Spéri, e Magalhães, foi possível perceber que o caminho a ser percorrido na luta pela inclusão ainda é longo, por este não se tratar apenas de um problema local, mas ser apenas mais um reflexo da realidade nacional.

Ao analisar questões dessa natureza, foi evidente que o descaso não se explica por questões simples, mas complexas, indo muito além de erros em estruturas educacionais, físicas ou planejamento; tampouco pode-se responsabilizar governos de maior ou menor poder, mas deve-se observar que o problema é, antes de tudo, cultural. A exclusão é gerada pelo preconceito enraizado no âmbito mais tradicional da própria cultura, e é através da educação, utilizada de maneira correta que o conjunto da sociedade será capaz de minimizar e conseqüentemente extinguir a complexa realidade enfrentada por pessoas com necessidades especiais nas mais simples atividades do dia a dia, onde na maioria das vezes não é sequer percebida.

5 Referências

BRAZOROTTO, J. S. SPERI, M. R. B. Acessibilidade á informação e aprendizagem de pessoas com deficiência auditiva no ensino superior. In: MELO, F. R. L. V de. (org). **Inclusão no Ensino Superior: Docência e Necessidades Educacionais Especiais**. Natal EDUFRN, 2013.

MAGALHÃES, R de C. B. P. Currículo e inclusão de alunos com deficiência no ensino superior: Reflexões sobre a docência universitária. In: MELO, F. R. L. V de. (org). **Inclusão no Ensino Superior: Docência e Necessidades Educacionais Especiais**. Natal EDUFRN, 2013.

¹Carla Ramona Vieira Sales. Graduanda em Licenciatura em Geografia pela UEPB, Campina Grande/PB.

²Marluce Silvino. Mestre em Geografia e Docente no curso de Licenciatura em Geografia da UEPB, Campina Grande/PB, Brasil. (Orientadora).

³Nádja Risocely Leite de Souza. Graduanda em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP), Patos/PB, Brasil.

⁴Nádson Ricardo Leite de Souza. Graduando em Licenciatura em Geografia pela UEPB, Campina Grande/PB, Brasil.



SILVA, L. G. dos S. Orientações didáticas para atuação pedagógica junto a estudantes com a deficiência visual, no ensino superior. In: MELO, F. R. L. V de. (org). **Inclusão no Ensino Superior: Docência e Necessidades Educacionais Especiais**. Natal EDUFRRN, 2013.

STOBÄUS, C. D. MOSQUERA, J. J. M. (orgs). **Educação Especial: Em direção à educação inclusiva**. Porto Alegre EDIPUCRS 4ª ed, 2012.

RODRIGUES, D. (org). **Inclusão e Educação: Doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo SUMMUS, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro PAZ E TERRA 46ª ed, 2005.

AINSCOW, Mel. **Tornar a educação inclusiva: como essa tarefa deve ser conceituada**. Capítulo 1, p. 11. FERREIRA, Windys. IRELAND, Timothy, BARREIROS, Débora (orgs.) UNESCO, Brasília, 2009.



¹Carla Ramona Vieira Sales. Graduanda em Licenciatura em Geografia pela UEPB, Campina Grande/PB.

²Marluce Silvino. Mestre em Geografia e Docente no curso de Licenciatura em Geografia da UEPB, Campina Grande/PB, Brasil. (Orientadora).

³Nádja Risocely Leite de Souza. Graduanda em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP), Patos/PB, Brasil.

⁴Nádson Ricardo Leite de Souza. Graduando em Licenciatura em Geografia pela UEPB, Campina Grande/PB, Brasil.